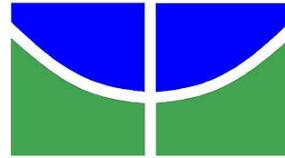


UnB - Universidade de Brasília
Ida - Instituto de Artes
Departamento de Artes Cênicas



AUTOMAQUIAGEM COMO EXERCÍCIO CÊNICO

Natália Maia Braz Silveira

Orientador: Professor Doutor Jorge das Graças Veloso

Brasília – Distrito Federal

2016

NATÁLIA MAIA BRAZ SILVEIRA

AUTOMAQUIAGEM COMO EXERCÍCIO CÊNICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito obrigatório à obtenção do grau de licencianda em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso

Brasília – DF

2016

AGRADECIMENTOS

À Cyntia Carla e ao Rubens Fontes,

meus tutores de maquiagem, profissionais que me ensinaram e me inspiraram para seguir em frente no ramo da maquiagem.

Ao Meu Orientador Jorge das Graças Veloso,

que com muita paciência e calma guiou-me e orientou-me nesta jornada.

À Cia Teatral Néia e Nando,

que participou da minha formação acadêmica teatral desde os meus seis anos de idade e me proporcionou os melhores momentos que uma adolescente pode ter durante os oito contínuos anos de trabalho na empresa. Além das descobertas pessoais e profissionais proporcionou a criação de laços eternos entre alguns amigos especiais.

Ao amigo e parceiro de trabalho Lucas Lima,

que foi o responsável pelo designer gráfico de meu Manual, fator que abrilhantou e iluminou minha monografia.

Ao amigo e parceiro de trabalho Arthur Romão,

que tive a honra de poder contar neste trabalho como criador e editor de imagens.

À minha família, minha mãe Christia Maia e minha irmã Priscila Maia,

que sempre estiveram presente, apoiando e ajudando, da forma que podiam e sempre que podiam minhas ideias e trabalhos nesta área. Aos testes de maquiagem e à divisão compartilhada das mesmas na casa das meninas. Neste caso um agradecimento especial à nossa casa.

À meu pai Hamilton Martins Silveira,

minha paixão, que esteve presente, mesmo quando longe, em todos os momentos de minha vida

Ao meu namorado Diogo Martins de Sá,

meu melhor amigo, meu companheiro, que me ajudou e apoiou em todos os momentos, desde ajuda técnica até psicológica.

Aos meus melhores amigos, aos meus amigos, e aos amigos dos meus amigos que sempre me apoiaram.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 BREVE PANORAMA DA HISTÓRIA DA MAQUIAGEM	15
1.1 Da Maquiagem Social à Maquiagem Cênica.....	15
1.2 A contribuição das Máscaras no contexto da Maquiagem Cênica	18
2 UMA ABORDAGEM ÀS TÉCNICAS DE MAQUIAGEM	21
2.1 Conhecendo os Instrumentos de trabalho	21
2.2.1 Luz e Sombra (Volume).....	24
2.2.2 Degradê	24
2.2.3 Breves considerações sobre Maquiagem Televisiva e Cinematográfica	25
2.2.4 A Maquiagem Teatral.....	26
3 UM PEQUENO MANUAL DO PASSO A PASSO DE ALGUMAS MAQUIAGENS CÊNICAS	27
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
ANEXOS	50

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Radiografia Facial.....	29
Figura 2	Maquiagem de Emagrecimento Facial.....	31
Figura 3	Passo a Passo da Maquiagem de Emagrecimento Facial.....	32
Figura 4	Primeiro Exercício Maquiagem Nariz.....	33
Figura 5	Segundo Exercício Maquiagem Nariz.....	33
Figura 6	Primeiro Exercício Maquiagem Boca	34
Figura 7	Maquiagem de Engordamento Facial.....	36
Figura 8	Passo a Passo da Maquiagem de Engordamento Facial.....	37
Figura 9	Terceiro Exercício Maquiagem Nariz.....	38
Figura 10	Segundo Exercício Maquiagem Boca.....	38
Figura 11	Maquiagem de Envelhecimento Facial.....	40
Figura 12	Passo a Passo da Maquiagem de Envelhecimento Facial.....	41
Figura 13	Primeiro Exercício Maquiagem Pálpebras.....	42
Figura 14	Variação do Primeiro Exercício Maquiagem Pálpebras.....	42
Figura 15	Segundo Exercício Maquiagem Pálpebras.....	42
Figura 16	Variação do Segundo Exercício Maquiagem Pálpebras.....	43
Figura 17	Terceiro Exercício Maquiagem Pálpebras.....	43
Figura 18	Quarto Exercício Maquiagem Pálpebras.....	43
Figura 19	Primeiro Exercício Maquiagem Sobrancelhas.....	44
Figura 20	Segundo Exercício Maquiagem Sobrancelhas.....	44

Figura 21	Primeiro Exercício Maquiagem Olhos.....	45
Figura 22	Segundo Exercício Maquiagem Olhos.....	45
Figura 23	Terceiro Exercício Maquiagem Olhos.....	46
Figura 24	Quarto Exercício Maquiagem Olhos.....	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Maquiagem do Nariz.....	33
Tabela 02	Maquiagem da Boca.....	34
Tabela 03	Maquiagem do Nariz.....	38
Tabela 04	Maquiagem da Boca.....	38
Tabela 05	Maquiagem das Pálpebras.....	42
Tabela 06	Maquiagem das Sobrancelhas.....	44
Tabela 07	Maquiagem dos Olhos.....	45

RESUMO

Trata-se este trabalho de uma reflexão sobre a importância do ensino de maquiagem no âmbito das Artes Cênicas, a partir de um conjunto de estudos que se consolidaram em um Manual de automaquiagem. O presente material fornece técnicas e saberes básicos para a construção de três automaquiagens por parte do leitor-participante, que através de estudo e experimentações exerce sua criatividade e liberdade de criação, assim como realiza um breve panorama histórico sobre diferentes momentos da maquiagem no Brasil e no mundo, desde os tempos mais primórdios até os dias atuais. O Manual se apresenta a partir do passo a passo da Maquiagem de Afinamento Facial, Engordamento Facial e Envelhecimento Facial, com imagens de referência e exercícios práticos de aprimoramento retirados da Dissertação de Mestrado do Professor Jesus Fernando Vivas de Souza, na Universidade Federal da Bahia. O passo a passo das maquiagens, assim como as dicas e soluções apresentadas nesta monografia, não ocorre de forma vedada e bloqueada, muito pelo contrário, apresenta brechas e janelas, conta com as percepções individuais e a trajetória pessoal de seus participantes para que seu teor criativo exerça maior potência lúdica e técnica no resultado final da automaquiagem.

Palavras-chave: Maquiagem Social, Maquiagem Cênica, Automaquiagem, Técnicas.

ABSTRACT

This work reflects on the importance of make-up instruction within the Performing Arts while consolidating several studies into a tutorial for self makeup. The result is a manual that provides techniques and principles for three self make-ups and invites the reader to exert his liberty and creativity through experimentation and research. During this process, the reader is also presented a brief historical outlook over different moments of make-up art in Brazil and around the world, going from primordial times up to the present days. The manual displays the step-by-step process of facial thinning, facial nourishment and facial aging make-up through reference images and practical exercises taken from the Master's Thesis of Jesus Fernando Vivas de Souza, professor of the Federal University of Bahia. The step-by-step of each make-up, as well as the tips and solutions presented in this document, are not constrained, but intended to leave breaches where individual perspectives and personal trajectory can play a role in creativity and enhance the technique and ludicrous potential of the resulting self make-up.

Keywords: Social Makeup, Scenic Makeup, Auto Makeup, techniques.

INTRODUÇÃO

MAQUIAGEM

Ma.qui.a.gem, ma.qui.la.gem s.f. 1 Ação ou resultado de maquiar (-se), de embelezar o rosto com produtos cosméticos. 2 O conjunto dos produtos de beleza (cosméticos) usados para maquiar ou maquilar. 3 Fig. Ação de mascarar, esconder, ou dissimular algo. Pl.: -gens. [F.: Do francês maquillage].

DIGITAL, Aulete Dicionário

Era uma vez vinte sacis-pererês. Alguns deles eram meninas, e dentre elas existiu uma que se apaixonou perdidamente por um Make Up Clown Preto, impregnado sem dó nem piedade em seu corpo ainda não tão bem desenvolvido. E foi assim que começou, há exatamente quinze anos, na Companhia Teatral Néia e Nando, a minha curiosidade por descobrir mais sobre aquele elemento instigante pelo qual chamavam por maquiagem.

Após muitas idas e vindas de batons comidos, sombras sumidas e lápis desapontados, todos Lâncomes comprados por minha adorada, e a partir daí, pobre mãe, eu finalmente ganhei o meu primeiro estojo de maquiagem. Curiosamente eu percebi que este, ainda é hoje, o meu principal instrumento de trabalho.

A partir dessa percepção puramente singular e simbólica, o meu objeto de pesquisa retrata a maquiagem, como área de conhecimento, limitando-se às abordagens técnicas desse sistema. Sistema este focado exatamente naqueles que se intitulam incapazes ou inaptos a este tipo de trabalho manual. Desta forma a proposta se baseia na utilização de instrumentos simples e reduzidos em uma abordagem de imensas possibilidades, assim como eu utilizava o meu primeiro estojo de maquiagem quando comecei a treinar em meu próprio rosto.

A maquiagem, assim como outros elementos da encenação, instrui o artista a desenvolver sua habilidade motora e mental, estimulando corpo e mente a trabalharem conjuntamente, exercendo influência indireta nas outras funções desta profissão, como atuar e/ou lecionar, por exemplo.

Para a profissão de ator (tenho certeza que também para outras profissões relacionadas ao

fazer teatral, que não serão citadas aqui devido ao fato de não estarem inseridas no contexto que será abordado) o estudo ampliado de técnicas que não se referem somente à interpretação, nos leva ao crescimento e amadurecimento diante de um projeto. É preciso saber de tudo um pouco e, por minha compreensão, só assim também somos capazes de conhecer nossas próprias afinidades e preferências, fator *sine qua non* para a realização de um bom trabalho.

A ideia de montar o meu objeto de pesquisa de maneira simples e objetiva é exatamente proporcionar, de forma escrita, métodos e estratégias de maquiagem para iniciantes ou amadores para que, ao final do processo, ou neste caso da leitura, o indivíduo se sinta apto a realizar tal tarefa. Mas este trabalho será restringido a um grupo de pessoas, já que o estudo é voltado para a área artística teatral. Os estudantes que fazem parte da academia têm, mesmo que de forma mínima e escassa, aulas e conteúdos que abrangem as perspectivas da maquiagem. Mas, na realidade do exercício profissional no Brasil, sabemos que para ser ator não é necessário diploma. Tendo em vista esse fator e a percepção da gama de profissionais que não são formados ou não estão em formação na área das Artes Cênicas, surge a ideia de criar meu objeto de trabalho voltado para esses artistas que não tem oportunidade de se inserir num ambiente acadêmico de estudo, simplesmente por que não o querem ou porque não o podem, devido a qualquer fator individual externo.

É importante (e necessário) que dentro do meio artístico (de Brasília, como será tratado) existam estudos alternativos que abranjam esta área de conhecimento cênico, podendo estes estarem inseridos no campo das abordagens não formais como oficinas e workshops, por exemplo. Neste caso, como proposta de abordagem, venho me propor a disponibilizar saberes, aspectos e técnicas simples de execução e aprendizado da área de maquiagem para artistas que não tiveram oportunidade de aprender teoricamente sobre o assunto. Vale lembrar que o ensino por meio deste material, apesar de focado nestas pessoas, abrange a qualquer estudante e profissional de teatro que sinta necessidade de aprender e/ou exercitar esse elemento cênico desde suas linhas mais primordiais. Este relato será baseado nos estudos que eu presenciei durante todo o meu curso realizado na Universidade de Brasília, com a professora de maquiagem Cyntia Carla Cunha Santos, e fora dele, com o maquiador Rubens Fontes.

O objetivo deste trabalho não se atém somente ao estudo técnico ou a uma abordagem mais mecanizada do processo, mas se afirma através da valorização da consolidação de um

pensamento que preze a importância da maquiagem na vida de um artista. Talvez o leitor esteja se perguntando: “mas não é a mesma coisa?” Não. O fato de você estudar matemática não significa que você estude a sua importância perante o mundo numérico, nem a importância do ensino de biologia quando você aprende sobre os cromossomos geneticamente modificados. O fato é, a partir do “manual” que me proponho criar, estarei trabalhando técnicas sistematizadas como pensamento, que ajudarão a entender melhor os trabalhos específicos dessa área de conhecimento.

Denotativamente, a palavra manual pode ser definida como “Folheto com indicações úteis à utilização de um mecanismo ou equipamento; livro de instruções” de acordo com o Dicionário Mobile da Língua Portuguesa (2011), mesma conclusão pela qual chega o Minidicionário da Língua Portuguesa de Silveira Bueno (1996). Neste caso quando me atrevo a realizar um manual dentro de minha monografia proponho-me não a transcrever normas e regras totalmente estabelecidas a respeito do ensino de maquiagem (até porque não existem normas e regras nesta área que precisam ser obrigatoriamente seguidas, pois tudo faz parte do contexto em que se está inserido), mas fornecer possibilidades de realização de um trabalho (neste caso a automaquiagem) com um número reduzido e barato de instrumentos, apresentando nomenclaturas e técnicas específicas. O fato de eu estar demonstrando algumas opções a serem seguidas não significa que não existam outras possibilidades.

O ensino de maquiagem através de um objeto físico se faz de forma mais difícil do que a aula prática, por exemplo, mas não é impossível, cita Cyntia Carla da Cunha Santos em sua entrevista, em anexo. Desta forma, um dos fatores principais a serem pensados é que o manual tem que ser escrito de forma clara e concisa, mas deixando abertas possibilidades de modificações por parte do leitor que, através de suas próprias experiências pessoais e individuais, realizará o trabalho com autonomia e liberdade para experimentações. Deve-se lembrar também que, assim como uma “receita de bolo”, o estudo da maquiagem está diretamente ligado à tentativas e ao aperfeiçoamento. As técnicas são facilitadoras, mas não necessárias à produção de uma maquiagem, como explica a professora Santos, já citada anteriormente.

Para isso é preciso antes chegar a algumas conclusões, e um dos objetivos específicos de minha monografia é propiciar a criação de um pensamento crítico sobre a importância do aprendizado de maquiagem em artes cênicas. A profissão de maquiador não precisaria existir se

todos os alunos desta área se sentissem confortáveis na realização de uma maquiagem, neste caso a automaquiagem. Mas sabemos que não é tão simples assim. A profissão de maquiador também está relacionada a um processo mais elaborado desta área. Este normalmente é contratado ou convidado quando se apresentam espetáculos, cenas ou processos em que o nível de complexidade não é alcançado pelos próprios atores-intérpretes. O que nos leva ao segundo objetivo específico de minha obra, a consolidação da importância do estudo de maquiagem no âmbito cênico, tendo em vista que esta é uma (entre várias) das lateralidades desta área de conhecimento. Os dois primeiros objetivos específicos são muito parecidos, mas o primeiro se atém primeiramente à criação de um pensamento crítico a respeito do assunto que vamos tratar ao longo do texto, o segundo já seria a consolidação deste pensamento crítico.

Ao longo da leitura e de acordo com a minha proposta de trabalho, ao final do texto existirá um breve workshop escrito, em forma de manual, como já explicado anteriormente, para a realização de uma automaquiagem por parte do leitor. Esse desafio é voltado, como disse na apresentação, para aquelas pessoas que não se sentem aptas a realizar tal tarefa. Chega então o meu terceiro objetivo específico: tornar o leitor habilitado a realizar uma automaquiagem. Não é possível definir ao certo que ao final do processo eu conseguirei atingir este objetivo específico, mas o resultado, sendo negativo ou positivo será esclarecedor para a conclusão do meu projeto de pesquisa. Ainda disponibilizarei, anexado ao manual, os exercícios de treinamento contidos na dissertação de mestrado do Professor Jesus Fernando Vivas de Souza, realizada na Universidade Federal da Bahia. Esses exercícios terão a intenção de aumentar o leque de informações básicas para o leitor, explicando cada elemento do rosto separadamente.

O citado manual que me proponho a realizar tem seu valor afirmado não somente como forma de aprendizado para os artistas que não ingressaram na academia, mas tão importante seria para os estudantes que completam seu curso à distância, pois estes não têm o acesso presencial e, portanto, não trabalham a prática da mesma forma que os outros estudantes. Considera-se justificável como contribuição e pode ser virtualizado e utilizado como recurso didático deste tipo de ensino.

É importante destacar as oportunidades que temos de vivenciar esse tipo de aprendizagem no nosso meio artístico. Durante todo o meu período de permanência na Universidade de Brasília, por exemplo, existiram somente três disciplinas dedicadas ao ensino de maquiagem, sendo

somente duas obrigatórias. Dentre essas duas, em uma delas a maquiagem era dividida com outras três lateralidades de artes cênicas: iluminação, figurino e cenografia, e na outra era dividida somente com figurino. A meu ver o ensino dessa lateralidade é completamente escasso e desvalorizado assim como outras áreas que também são importantes dentro do curso. Sonoplastia sequer é estudada dentro de todo o curso. E apesar disso, um espetáculo teatral não ocorre sem composição sonora. Como formar ou ensinar a formar sonoplastas se nem a própria universidade de preocupa com isso? A mesma coisa acontece com a maquiagem. Existem diversos cursos oferecidos (como é o caso do SENAC¹), sobre maquiagem social, mas maquiagem artística é raro de se ver. E não foi por falta de procura. A intenção do meu projeto de pesquisa não é formar maquiadores, mas atender a uma necessidade vivenciada pelos alunos de Artes Cênicas e pelos artistas que não ingressaram na academia, e quem sabe oferecer-lhes técnicas e dicas que os ajudarão a serem melhores e mais completos profissionais.

A proposta de minha monografia vem atrelada a uma série de vantagens e desvantagens. Pesquisando sobre a área deparei-me com a falta de recursos bibliográficos sobre o assunto, o que torna minha pesquisa uma das primeiras. Isso é um fator importante já que afirma meu estudo como potencial literário do ramo, mas ao mesmo tempo dificulta o encontro de pesquisas ou estudos que se assemelhem com a mesma. Desta forma os três principais recursos no qual me apoiarei será a entrevista realizada com a Professora Mestre do Departamento de Artes Cênicas da UnB, Cyntia Carla Cunha Santos, o livro História da Maquiagem, da Cosmética e do Penteado: em busca da perfeição (2009), de Ana Carla R. Vita, e a dissertação de mestrado do Professor de Maquiagem da Universidade de Brasília, Jesus Fernando Vivas de Souza, intitulada A Maquiagem no Processo de Construção do Personagem (2004). A escassez de recursos bibliográficos sobre a maquiagem artística é um dos remotes para a construção deste trabalho. Apesar de ter encontrado livros explicando o que é e como manipulá-la, a maquiagem se atém somente a seu formato social, excluindo as maquiagens mais “pesadas” e “transformadoras” que englobam este campo.

O livro em questão é o mote que realizará todo o panorama histórico da maquiagem, para que os leitores possam ter uma pequena base de seu desenvolvimento ao longo de séculos e

¹ De acordo com o site oficial da rede, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) é, desde a sua criação em 1946, o principal agente da educação profissional voltada para o Setor de Comércio de Bens, Serviços e Turismo. Disponível em: www.senac.br

décadas passadas. Neste caso o livro de Vita foi de teor indiscutível para a produção de meu capítulo. Já a entrevista apresenta seu mérito ao longo de toda a pesquisa, pois foi realizada com a professora de maquiagem da Universidade, que tem experiência elevada no ramo há cerca de 15 anos. Não só a entrevista, mas todo o ensinamento aprendido nas aulas das Disciplinas de Encenação Teatral 1 e 2 e em Técnicas Experimentais em Artes Cênicas sobre Maquiagem, ministradas pela mesma.

Os outros dois livros citados ao longo do trabalho, *Eu amo Maquiagem* (2006) de Marcos Costa e *Maquiagem*, de Duda Molinos (2000), estabeleceram sua importância na realização do Manual de maquiagens artísticas, pois sustentaram minha ideia principal e demonstraram novas possibilidades de construção do roteiro escrito, do design que iria ser utilizado e da forma como elas apareceriam para o leitor.

Por último e não menos importante, a dissertação de Jesus Fernando Vivas de Souza, *A Maquiagem no Processo de Construção do Personagem* (2004), complementou inteiramente minha pesquisa. O fato é que os exercícios escritos e passados pelo professor foram colocados em anexo no manual de forma que os leitores-participantes desta monografia possam ter ainda mais recursos de aprimoramento e definição de traços e respectivamente de maquiagem. Também foi muito útil para a definição de outra abordagem do início da história da maquiagem, como será visto a seguir.

Posto isto, compreendo que o que me proponho a fazer se baseia na construção de um manual lúdico para os leitores, onde para que a proposta funcionasse eu precisaria retirar todas as informações necessárias de parágrafos e linhas e transformar os textos já escritos em formas ilustrativas e de fácil visibilidade no corpo do texto. É um trabalho necessário no campo das Artes da Cena. É uma forma lúdica e criativa que facilita o entendimento e a visualização por parte dos leitores-participantes.

O que tratarei nos próximos capítulos se baseia em um breve panorama histórico da maquiagem, no Capítulo 1, seguido da explicitação das técnicas e abordagens da área, no Capítulo 2, e finalizando, no Capítulo 3, com o Manual: Passo a Passo de algumas maquiagens cênicas.

1 BREVE PANORAMA DA HISTÓRIA DA MAQUIAGEM

1.1 Da Maquiagem Social à Maquiagem Cênica

Desde as mais remotas formas de vida, presenciamos a maquiagem como um dos principais recursos da cultura humana. Os homens que viviam nas cavernas já se utilizavam deste, mesmo que não precisassem conceituar, como prova de poder e hierarquia dentro do seu núcleo familiar. Os homens mais valentes eram os caçadores, que alimentavam e garantiam a segurança de todos os indivíduos da tribo, e em troca, os pintores das cavernas e as mulheres artesãs realizavam pinturas corporais que provavam sua devoção ao caçador. Apesar de estarmos falando de uma época muito remota, onde os próprios indivíduos não sabiam o que de fato estava sendo realizado, nem tinham uma nomenclatura específica como o de “pintura corporal” para designar o trabalho que estava sendo feito, o período do Paleolítico conta como o primeiro referencial histórico da maquiagem no mundo, de acordo com Ana Carlota R. Vita, em seu livro *História da Maquiagem, da Cosmética e do Penteado: em busca da perfeição* (2009). Esse tipo de trabalho, embora remoto, mas nada precário se dava a partir de tintas feitas com sementes amassadas de frutas (ou a própria fruta), terra, sangue de animais ou carvão da queima desses animais. Concordando com Ana Carlota Vita, o professor Jesus Fernando Vivas de Souza, em seu texto *A Maquiagem no Processo de Construção do Personagem* (2004) cita que as pinturas eram incorporadas no corpo dos guerreiros a fim de que este incorporasse forças da natureza durante a luta, e assim obtivesse melhor desempenho. Também cita indícios de rituais antigos de que se invocam poderes de animais sacrificados pintando os corpos com seu sangue misturado à cinzas.

Desde então a maquiagem vem sendo utilizada por incontáveis grupos em diversas épocas ao redor do mundo. Na maioria dos períodos históricos a maquiagem era utilizada como instrumento de poder e hierarquia, como no paleolítico citado acima. Estava relacionado a crenças religiosas e magia. Mas principalmente a maquiagem se dá para viabilizar o desejo do homem de ter uma imagem distinta da sua, de ser outro. De se assumir como unidade de perfeição, de acordo com Jesus Vivas.

Em alguns destes períodos é mais fácil vermos a simbologia desta área de conhecimento, como, por exemplo, no Antigo Egito, onde homens e mulheres pintavam seus enormes olhos

pretos de kohl (nome dado ao carvão preto ou à combinação do mesmo com outros elementos como o antimônio pulverizado), para protegerem-se do sol e serem abençoados com uma vida sagrada após a morte. Na Grécia clássica e na Roma antiga os penteados eram mais importantes na vida aristocrática, mas a maquiagem também estava presente com os olhos pretos de kohl, mas desta vez não tão forte quanto o dos egípcios, mas esfumados com a combinação de bases e óleos para o rosto (VITA, 2009).

Percebemos assim o quanto a maquiagem já era importante há milhares de anos, passando, por conseguinte, pela Idade Média, Renascença, chegando ao tão estudado século XX. No século XX houve diversas mudanças ao longo da história da maquiagem. Ouso dizer que dentro deste século houve mais mudanças do que durante todo o período anterior ao Renascimento. Resumidamente o século vinte se dá neste esquema:

- Década de 20: Caracterizando a época das famosas melindrosas, a maquiagem era completamente visível, diria até artística. Os olhos escuros esfumados e a boca contornada menor do que a verdadeira com tons escuros de vermelho ou ameixa, com uma cor natural de pele ou mais esbranquiçada com pó de arroz. As sobrancelhas eram desenhadas de formas finíssimas com delineador ou lápis de olho. Quando mais escura e minuciosa a maquiagem, maior poder de persuasão das mulheres.
- Década de 30: A maquiagem ainda continha as sobrancelhas e boca parecidas com a da década passada, mas ao invés de tons muito escuros nos olhos, as cores também foram adotadas. Utilizavam-se muitos verdes, rosas e lilás nos olhos. Os cílios postiços apareceram como a moda do momento.
- Década de 40: A beleza natural com uma ajudinha de maquiagem. A maquiagem da década de 40 era simples e leve. Cores mais neutras tanto para a pele quanto para a sombra. Tons mais claros e leves de batons. As sobrancelhas começavam a parecer com as de hoje, não tão desenhadas.
- Década de 50: Com a aparência de pele perfeita conseguida através da utilização do Pancake, as mulheres apostavam no batom, no delineado e na sobrancelha perfeita.
- Década de 60: Olho tudo, boca nada. Daí surgiu a famosa frase da maquiagem. As garotas

apostavam nos olhos com delineados, cílios postiços e sombras, e deixavam a boca com um aspecto mais natural com tons nudes e pastéis.

- Década de 70: A moda era de a cor da sombra combinar com a cor da roupa, e independente da cor da pele o batom usado era rosa. Olhos bem marcados com o famoso lápis kajal (preto absoluto).
- Década de 80: Maquiagens bem expansivas e coloridas. Utilização até de cores fluorescentes. Os delineados também ganharam cores e a moda se baseava em laranja, verdes, azuis, amarelos e vermelhos.
- Década de 90: Após a década de 80 e suas maquiagens extravagantes, a década de 90 veio romper com esse tipo de padrão de beleza e apostou em uma maquiagem natural, que valorizasse os traços do rosto das mulheres. Cores claras e não muito marcadas.

Todo o panorama da maquiagem no século XX acima é retirado do livro de Vita, fornecendo-nos informações necessárias para obter o entendimento do surgimento e crescimento da utilização da maquiagem a partir dos anos de 1900. As características destas décadas se deram a partir de um olhar estrangeiro, europeu e americano, que tiveram repercussões no Brasil. Essas repercussões não se deram somente no ramo da maquiagem, mas influenciaram a moda e a cultura dos brasileiros naquela época. (SANTOS, 2015)

Na atualidade é difícil dizer qual estilo de maquiagem prevalece, pois há uma junção de todos os estilos vivenciados no século XX. O que eu diria é que há uma maior liberdade de expressão que favorece qualquer estilo que queira ser adotado, desde o “vintage” até os da “contemporaneidade”.

Mesmo que a maioria dos relatos seja sobre maquiagens sociais, feitas por indivíduos dentro do seu cotidiano, não podemos descartar o fato de elas terem existido em tamanha proporcionalidade, até porque essas décadas foram muito importantes para a construção da maquiagem cinematográfica e televisiva que presenciamos hoje em dia. Quando tratamos de maquiagem artística e cênica também nos preocupamos com a utilização da maquiagem social, pois é ela uma das percussoras da citada técnica teatral, assim como as máscaras realizadas no Ocidente há séculos atrás. Os estilos de maquiagem estudados ao longo dos anos servem como

base criativa e imagética para a realização da maquiagem no campo cênico. À medida que o tempo vai passando a maquiagem social não atende à necessidade dos artistas porque precisam de uma maquiagem significativa, que denota sentidos, explica Santos em sua entrevista. Inicialmente a maquiagem tinha como principal objetivo reproduzir personagens, mas com o passar do tempo é preciso que a maquiagem crie máscaras, disfarces, caracterizações de uma mesma pessoa, gerando assim uma transformação da maquiagem social para a maquiagem cênica significativa (SANTOS, 2015).

Uma confusão paira na cabeça das pessoas quando se trata da diferença entre a maquiagem artística e a maquiagem cênica. Juntamente com a professora de maquiagem da UnB, Cyntia Carla Cunha Santos, Mestre em Poéticas Contemporâneas na mesma instituição, tem-se a definição de forma precisa e clara da diferença existente entre as duas. A Maquiagem Artística apresenta uma linguagem separada, livre. O foco apresenta-se na maquiagem e somente na maquiagem em si. Já a Maquiagem Cênica tem como proposta principal o contexto e a lógica de encenação na qual está inserida. Sempre há ligação com a cena, a maquiagem não se faz sozinha, nem se afirma como elemento individual.

1.2 A contribuição das Máscaras no contexto da Maquiagem Cênica

Outra abordagem através da história da maquiagem no mundo se depara com a utilização de máscaras pelos artistas mais antigos e pelos moldes mais primevos de representação. Uma das formas mais remotas de transfiguração da imagem humana, objetivo principal no qual se atém a maquiagem, se dá através das máscaras, criadas possivelmente com os ritos² antigos. Porém as máscaras não fixaram seu valor somente nas manifestações religiosas, mas através do tempo serviam-se de instrumento na vida cotidiana dos indivíduos, fosse para proteção ou definição de ofícios e/ou atribuições específicas.

Para fazer um paralelo entre a maquiagem e as máscaras utilizarei como base aquelas feitas na época do teatro grego. De acordo com Jesus Fernando Vivas de Souza (2004), a máscara se tornou um dos principais elementos de representação de papéis a partir do momento em que se

² Procedimentos extracotidianos nos quais o homem procura um significado para além da vida ordinária e que ensejam o transporte da mente, da emoção, e do corpo rumo a um mundo desconhecido. (SOUZA, 2004).

adquiriram os primeiros conhecimentos sobre a fisionomia e tipificação do personagem no teatro clássico grego.

No momento em que houve a passagem das representações gregas pagãs para as representações de fato teatrais - com textos, personagens e lugares definidos - sentiu-se a necessidade de criar um instrumento de caracterização que facilitasse o entendimento e assimilação por parte da plateia. As máscaras criadas tinham como objetivo estampar uma emoção, idade, posição social, temperamento e até mesmo sexo, para o espectador, que seriam carregadas por aquele personagem ao longo de toda a peça, visto que este objeto era imaleável e imutável, de acordo com Souza em seu texto *A Maquiagem no Processo de Construção do Personagem* (2004).

Jesus Souza também cita em seu texto as quatro maiores contribuições de máscaras no teatro grego. O autor começa citando Téspis (VI a.C.) que teria sido o primeiro a usar uma máscara facial em forma de pintura. Dessa textura pastosa grossa ter-se-ia evoluído para o uso de máscaras manufaturadas. Em trecho do seu texto Souza explica muito bem como seria a impressão de uma dessas máscaras:

Feitas de linho, elas eram banhadas em borra de vinho para ganhar consistência física e modelagem. Depois de prontas, funcionavam como uma cobertura inflexível e imutável do rosto do ator, impedindo que se visualizasse a transformação de sua fisionomia. Diante da supressão desse importante elemento de comunicação cênica, era importante que as máscaras fossem cada vez mais elaboradas (SOUZA, 2004, p.30).

A segunda importante fase deu-se com Ésquilo (525 e 456 a.C.), pois foi ele o primeiro a utilizar pintura às máscaras. Pulando a fase de Sófocles, menos importante para o desenvolvimento dessa técnica, temos Eurípedes (480 e 406 a.C.), que inovou ao realizar expressões exageradas em formas grotescas e caricatas, mas altamente expressivas, em suas máscaras.

As diferentes técnicas utilizadas e recriadas ao longo da história das máscaras nos servem como base primordial para entender a evolução da maquiagem teatral assim como nos faz a maquiagem social. Entendendo essa parte da história podemos fazer um paralelo com as máscaras usadas nas farsas, na Comédia Dell'Arte e respectivamente nas máscaras criadas através da maquiagem até os dias de hoje.

A maquiagem finalmente encontrou seu lugar quando surgiu um teatro com novas conformações físicas, em espaços reduzidos e fechados, utilizando-se de iluminação artificial. (SOUZA, 2004). Desta forma as máscaras já não condiziam com as funções que se esperava naquela nova forma de representação e então a maquiagem ressurgiu como pintura diretamente na pele do ator. Mesmo que baseadas nas máscaras gregas a maquiagem tem sua relevância devido ao fato de proporcionar ao ator-criador diversas possibilidades de mutação ao longo da encenação. Souza explica essa relação:

Isso se explica porque tanto as máscaras quanto a maquiagem partem do complexo esquema de tipificação das expressões humanas. Sendo uma superfície rígida, a máscara apresenta a síntese cristalizada dos aspectos físicos e psicológicos predominantes em determinada pessoa. A maquiagem, por sua vez, imprime a essa síntese a mobilidade oferecida pela ação dos músculos faciais, potencializando o impacto do personagem sobre o público, visto que permite ao ator veicular estados emocionais e psicológicos bastante variados ao longo da trama. (SOUZA, 2004, p.49).

A partir daí, a maquiagem como conhecemos hoje começou a surgir e repercutir com maior importância nos espetáculos teatrais, necessitando de técnicas e instrumentos voltados para este novo tipo de trabalho manual. Técnicas estas que veremos e estudaremos nos capítulos a seguir.

2 UMA ABORDAGEM ÀS TÉCNICAS DE MAQUIAGEM

2.1 Conhecendo os Instrumentos de trabalho

Antes de introduzir um trabalho prático ou as técnicas que ele solicita é importante falarmos dos instrumentos de trabalho utilizados para facilitar e melhor desenvolver nossa relação com a maquiagem.

O melhor instrumento de trabalho inventado para maquiagem ainda é o dedo! Sim! O dedo! Nenhum pincel ou esponja vai ter a mesma habilidade ou competência para realizar exatamente o que você quer. Isso se dá pelo fato de estarmos mais hábeis com nossas mãos, e pelo fato da pele absorver e espalhar produtos sem deixar muitas marcas, como é o caso dos pincéis. Sendo assim não é preciso investir grande quantidade de dinheiro na compra desses materiais se você se sentir mais a vontade para usar as próprias mãos. Para a utilização e manutenção das maquiagens temos os pincéis e as esponjas. Há uma variedade muito grande quanto a esses materiais e cada um têm sua função específica de manuseio. Caso haja dúvidas sobre os formatos e funções existem muitos livros e principalmente sites que explicam, detalhadamente, para que servem estes acessórios.

Os produtos mais utilizados para área Social são: Base, Corretivo, Primer, Sombra, Blush, Lápis para Lábios, Rímel, Pó, Lápis de Olho, Batom, Delineador e Lápis de Sobrancelha. Os produtos mais utilizados para a área Artística são: Pancakes, Makeup Clowns, Massa Slug Professional, Tintas, Pastinhas e Glitter. Existem também aqueles instrumentos de trabalho que vão ser utilizados tanto para a maquiagem social, tanto para a maquiagem cênica, cinematográfica ou televisiva como: Cílios Postiços, Cola de cílios postiços, Curvador de Cílios, Placa de Metal e Espátula, Apontador e Esponjas diversas.

A ideia neste momento não é denominar a função de cada um desses produtos, mas catalogar, de forma rápida e simples, os principais materiais de uso dos profissionais e amadores da área. Quando estivermos na parte do Manual, onde a proposta é realizar uma automaquiagem, aí sim os produtos vão ser explicados e aprofundados para um melhor entendimento por parte do leitor-participante.

2.2 Técnicas e abordagens da Maquiagem Cênica: Algumas aproximações

Dois livros, em particular, mesmo não se atendo às necessidades de minha área, me ajudaram muito a entender como eu poderia realizar atividades práticas através de um roteiro escrito, e como eu faria para facilitar cada vez mais a experiência de meu leitor. Estes livros foram escritos por dois maquiadores renomados no ramo, Duda Molinos e Marcos Costa, respectivamente.

Ambos os livros fazem a mesma passagem por várias etapas da maquiagem social. Começam introduzindo histórias pessoais ou perguntas retóricas até chegarem à pergunta: “O que você quer?”. Antes de começar de fato a explicação da maquiagem e as figuras semelhantes aos leitores, é preciso explicar e introduzir os objetos e acessórios que ajudarão a concluir a atividade de maquiagem com êxito. Neste sentido podemos ler sobre pincéis, cosméticos, e acessórios. A partir daí o panorama da maquiagem vai se desfazendo por partes, onde o leitor recebe instruções de ensinamentos e técnicas para cada elemento do seu rosto. Primeiro é importante mostrar uma radiografia facial para que os leitores entendam qual o lugar ideal de cada elemento e entender como modificá-los.

Pulamos então para a enfim Aula de Maquiagem. Pele (Base, corretivo, pó, iluminador), Olhos (sombra, sobrancelha e cílios), Bochechas (blush), Boca (batom e lápis). Cada etapa é explicada e ensinada passo a passo para o leitor, sempre com várias opções e até preferências do autor. Há, nos livros, áreas específicas para cada etnia ou formato de rostos diferentes, para que o livro atenda às necessidades de qualquer indivíduo. Outra área adotada é a de correção e retoques, aonde os maquiadores dão opções de melhoria de traços ou aspectos indesejados por parte dos leitores.

O livro de Márcia Cezimbra, Maquiagem, vai além das questões técnicas e básicas vistas nas publicações citadas anteriormente, mas faz um panorama sobre a profissão de maquiador e introduz informações sobre serviços profissionais e o mercado de trabalho desta profissão, aspectos não tratados neste estudo.

Sendo assim é preciso pensar não só no formato dos rostos, mas pensar em como podemos alterá-los e modificá-los para chegarmos a um resultado que atenda às necessidades de minha personagem ou do espetáculo ao qual eu estou participando. É preciso levar em

consideração principalmente a contextualização histórica e social da peça/apresentação, o local no qual vai ser apresentada, a iluminação que será usada (natural ou artificial), e os significados que essa maquiagem irá produzir. A partir desta pré-pesquisa realizada por ninguém menos do que o ator da peça, a maquiagem vem como matéria para a execução da composição de personagem, que pode ser feita antes da realização do espetáculo como forma de descobrimento de características e valorização da identidade deste indivíduo fictício ou ao final de todo o processo, onde o ator vai realçar simplesmente o que já tem de elementos desta personagem: aparência, cicatrizes, status social etc. A diferença se dá basicamente no tempo que o ator ou atriz tem de experimentar a mudança física que a maquiagem proporciona. Tenho observado duas abordagens distintas na contemporaneidade sobre este processo: antes ou na estreia do espetáculo. Quando o intérprete se utiliza da maquiagem ao início do processo de montagem ele pode modificá-la e diversificá-la quantas vezes quiser até encontrar de fato o resultado final que lhe agrada e que esteja inserido no que o espetáculo propõe. Fora que a mesma vai ser pré-aceita pelo diretor/produtor da peça com antecedência. Mas na maioria dos casos o mais comum é a elaboração e finalização no ato da apresentação. Os grupos têm a tendência de realizar a maquiagem somente no dia de estreia, o que desvaloriza o conteúdo e a proposta desta realização.

Jesus Fernando Vivas de Souza apresenta a mesma preocupação em seu texto e questiona o porquê do equívoco da grande maioria das produções teatrais encararem a maquiagem como o último elemento a ser incorporado ao espetáculo. Ainda relata o incômodo de este fato trazer ao ator a sensação de realizar uma máscara falsa e postiça do personagem que está representando. O autor acredita, assim como eu, que o estudo antecipado, inserido juntamente no processo de montagem do espetáculo, potencializa os resultados alcançados pelo ator e conferem maior qualidade e eficácia às expressões pretendidas e planejadas, e ainda afirma:

Essa experiência confirma a tese de que a maquiagem feita pelo próprio aluno/ator – tendo por referência a estrutura física dele, o texto dramático, a concepção do diretor, as características físicas e psicológicas do personagem, além do conhecimento de noções técnicas de maquiagem – pode produzir um resultado final mais eficaz. Na verdade, a partir do momento em que o ator passa a conhecer as técnicas para a realização de sua maquiagem e aprende a aplicá-las na caracterização do personagem, ele aumenta o seu potencial de influência sobre a qualidade da montagem teatral. (SOUZA, 2004, p. 61).

O primeiro passo a se entender são as abordagens que o ator e/ou o espetáculo requer de acordo com o contexto que será apresentado, progredindo nisto é preciso estudar as principais técnicas aliadas à maquiagem cênica, como veremos a seguir.

2.2.1 Luz e Sombra (Volume)

O primeiro e mais importante passo para quem se interessa a mergulhar no mundo da maquiagem cênica é estudar o jogo de luz e sombra existente na utilização da maquiagem, informalmente chamado de Claro e Escuro, vide as aulas de Santos na Universidade de Brasília. É essa técnica que gerará possibilidades de trabalho para o início da realização de qualquer outra maquiagem, pois ela trabalha com volumes, possibilitando a modificação de quaisquer características do rosto de qualquer indivíduo.

A regra primordial que temos que aprender dos volumes é: as áreas mais esbranquiçadas são realçadas, e as áreas mais escuras são escondidas, amenizadas. Quanto mais se deseja destacar uma parte específica do rosto ou da maquiagem, mais iluminada esta área tem que parecer em relação às demais, por isso é preciso utilizar materiais de cores mais claras do que a base do rosto, utilizando o mesmo pensamento, mas de forma contrária à iluminação e ao realçamento das áreas, utilizaremos um material de cor mais escura para os locais que não queremos acentuar. Essas conotações são muito estudadas pela lateralidade cênica da Iluminação, pois se trabalha a partir de pontos de luz específicos do rosto do artista. Lembrando que o efeito de luz e sombra necessita de contraste à sua volta para a eficácia do resultado (SOUZA, 2004).

Mas como utilizar essa técnica de forma que a maquiagem fique o mais natural possível? Se for este o caso da proposta da peça e do espetáculo, e estiver dentro de seu contexto, trabalharemos as cores e linhas de volume a partir da técnica do degradê.

2.2.2 Degradê

Para a realização de um degradê em boas condições recomenda-se o uso do próprio dedo.

Por quê? A mão é o instrumento de primeira instância a ser usado por um indivíduo desde o seu nascimento. As mãos e os dedos são manipulados de todas as formas imagináveis e inimagináveis por uma criança até a sua vida adulta. Quando nos utilizamos de outro instrumento para a realização de um movimento (como é o caso do pincel na maquiagem) por mais bem trabalhado e exercitado que ele aparente ser, nunca vai ser manipulado da mesma forma dos movimentos intrínsecos manuais. Desta forma os dedos são os primeiros (e melhores) instrumentos para a realização de uma maquiagem, principalmente para aqueles que estão aprendendo a trabalhar e manusear este tipo de material agora.

O passo a passo desta técnica será apresentado no Pequeno Manual do Passo a Passo de Algumas Maquiagens Cênicas, inserido no capítulo 3.

2.2.3 Breves considerações sobre Maquiagem Televisiva e Cinematográfica

Inserida no campo de Maquiagem Cênica podemos observar três grandes áreas relacionadas com esta proposta: a Maquiagem Televisiva, a Maquiagem Cinematográfica e a Maquiagem Teatral. Farei uma breve comparação entre ambas para que, ciente das diferenças e abordagens de cada divisão, possamos aprofundar a área de nosso real interesse, a Maquiagem Teatral.

É impressionante ver o contraste que a mídia faz entre a maquiagem televisiva e a teatral. Embora utilizada em menor quantidade, a qualidade da maquiagem televisiva tem que ser cem por cento perfeita para aprovação de diretores e/ou produtores que prezam pela valorização de um modelo ideal de beleza, o que consiste em um material caro, pois o seu foco é totalmente comercial.

A maquiagem utilizada nesta área artística se denomina, na maioria das vezes, como social. Seria a maquiagem simples com caráter leve que tem a função de esconder imperfeições e alcançar o ideal de beleza proposto pela sociedade contemporânea (SANTOS, 2015).

A maquiagem cinematográfica também vai muito para o lado da maquiagem social, mas possui, em seu aspecto, características da maquiagem artística. Antigamente a maquiagem nesta área era muito mais utilizada, mas com a evolução das tecnologias avançadas ela vai perdendo a

força, pois tudo que pode ser feito pela maquiagem pode também ser feito virtualmente. Ainda assim, alguns produtores ainda utilizam-se da maquiagem para desenvolver a base de características das personagens, seja para utilizá-la em seu produto final, seja para utilizá-la como croquis para a futura virtualização³ da mesma.

No cinema brasileiro a maquiagem é um recurso muito utilizado já que os avanços tecnológicos do exterior ainda não se comparam com a do país. Neste caso a maquiagem se assemelha mais com a área teatral já que busca um ideal de realidade de suas personagens, proporcionando ao profissional da área uma liberdade e autonomia maior do que a maquiagem televisiva. (SANTOS, 2015).

2.2.4 A Maquiagem Teatral

Dentro das Artes Cênicas, a maquiagem é e tem se tornado um dos principais elementos da encenação, pode-se confirmar isso tanto pelo crescimento de profissionais da área quanto pela valorização desse trabalho (seja por meio de visibilidade midiática seja por meio de incentivação monetária). Ela afirma os personagens como pessoas reais, caracteriza e descaracteriza indivíduos, possibilita a criação de outros seres, e valoriza a interpretação dos atores. Os estudos teatrais, tendo como referência o professor Jorge Graça Veloso em sala de aula, podem-se dividir em três grandes aspectos: Os fazeres do corpo, Corpus teórico-metodológico e Tecnologias aplicadas ao espetáculo. A maquiagem se contextualiza dentro dessas tecnologias, que tem a função de suporte ao espetáculo teatral.

³ De acordo com o site de profissionais de TI, Virtualização (em computação) é a criação de uma versão virtual de alguma coisa. Neste caso a palavra foi utilizada fora de seu contexto original, criando uma ideia neologista ao conhecimento da maquiagem.

3 UM PEQUENO MANUAL DO PASSO A PASSO DE ALGUMAS MAQUIAGENS CÊNICAS

Trata-se este capítulo da criação prática do manual de maquiagem cênica ao qual se refere esta monografia, partindo da proposta de realização de três maquiagens cênicas básicas. As maquiagens que assim se seguem têm como objetivo a iniciação do ator amador aos conhecimentos da área.

O indivíduo que se propõe a realizar as maquiagens expostas no presente material deve entender as linhas naturais de seu rosto, para que assim, seguindo as instruções dispostas, possa experimentar e criar produtos através de sua própria estrutura facial.

As técnicas apresentadas no manual podem ser modificadas e/ou acrescentadas pelo artista que está desenvolvendo a maquiagem. O mesmo vale para a utilização dos materiais utilizados na pele ou para os instrumentos utilizados na realização do trabalho.

Quanto mais esfumadas as linhas forem, mais natural a maquiagem aparentará ser, quanto mais forte ela se apresentar mais caricata e visível ela se tornará diante do público. Ambas as opções são utilizadas, o artista terá que ter o discernimento para entender qual deseja usar e qual se encaixará melhor no projeto que ele está englobado.

Para facilitar o trabalho pode (e deve-se!) pegar uma imagem impressa como referência. A imagem no papel é mais nítida e fácil de manipular do que no computador ou em outros instrumentos tecnológicos, podendo ser alterada, em traços e cores, por exemplo, na própria folha, como uma espécie de Croquit.

De acordo com o livro *Maquiagem: técnicas básicas, serviços profissionais e mercado de trabalho*, de Márcia Cezimbra há um esclarecimento sobre um termo muito utilizado na área de maquiagem que a autora explica de forma clara, simples e concisa:

(...) no livro constam duas palavrinhas esfumar e esfumaçar. A primeira está correta e a segunda errada! Esfumar vem de esfuminho, que é um utensílio pra quem desenha a carvão ou giz pastel e que suaviza os traços, criando uma área esfumada. Esfumaçar tem a ver com defumar, ou seja, encher de fumaça! Até achei num dicionário uma definição que aproxima as duas palavras, mas ninguém quer encher suas pálpebras de fumaça, né? (salvo em projetos artísticos, vai saber...). (CEZIMBRA, 2013, p.54).

O ensino das maquiagens a seguir é inspirado nas aulas das Disciplinas de Encenação Teatral 1 e 2 e em Técnicas Experimentais em Artes Cênicas 1, ministradas pela maquiadora Cyntia Carla Cunha Santos, professora Mestre pela Universidade de Brasília, com a sua devida autorização, nos anos de 2012 e 2013. A partir dessa contextualização o ator pode experimentar técnicas e composições que funcionem melhor para a apresentação de seu resultado final.

A preparação da base da pele, ou seja, a base das três maquiagens será igual para todas, o que mudará entre elas são os efeitos conseguidos pelas linhas de volume e iluminação, responsáveis por realizar o contorno de suas áreas específicas.

A radiografia facial nada mais é do que a demonstração imagética das áreas do rosto de uma pessoa. Neste caso não há preocupação em demonstrar os músculos e/ou linhas de expressão, e sim a localização e a nomenclatura das partes a serem estudadas. É importante que o leitor-participante além de entender as técnicas ensinadas no manual entenda primeiramente os léxicos desta área de conhecimento para que esteja de fato inserido no âmbito da maquiagem teatral. A radiografia facial apresentada a seguir foi baseada no livro *Eu amo maquiagem*, de Marcos Costa (2006).

Croqui

Radiografia Facial

EMAGRECIMENTO

A primeira maquiagem que tratarei será sobre a técnica do emagrecimento, onde vamos focar as linhas de volume de forma a realizarmos o afinamento de toda a estrutura facial dos leitores. Trabalharemos com o jogo de luz e sombra juntamente com a técnica do degradê para estreitar e diminuir elementos da face através de linhas ascendentes, que revelam altivez da figura que está sendo proposta (VIVAS, 2004).

Materiais que iremos utilizar nesta maquiagem: Base cor de pele, Corretivo (mais claro que o tom da pele), Pó, lápis de olho marrom, lápis de olho preto e sombra marrom.

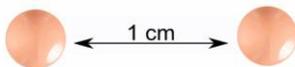
Croqui

Emagrecimento

EMAGRECIMENTO

PASSO 1

Hora de preparar a base da pele para o início da maquiagem! Espalhe a base em forma de gotinhas ao longo do rosto todo, tendo uma média de 1cm entre cada bolinha de base. Desta forma a base vai preencher o rosto todo sem que fique exagerada.

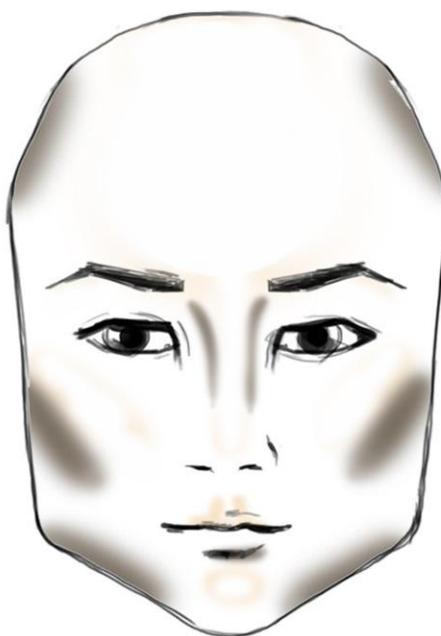


PASSO 2

Marque, com o lápis de olho marrom, todas as linhas que emagrecerão o seu rosto. Estas linhas se encontram acima das linhas naturais de cada indivíduo.

PASSO 3

Após marcar as linhas que emagrecerão o seu rosto deve-se esfumar as mesmas de forma que elas se tornem menos aparentes e demonstrem um aspecto de sombra. Passe o dedo de um lado para o outro até criar um degradê de marrom mais escuro até um marrom mais claro. Esse degradê pode ser feito com o próprio lápis de olho marrom ou com a sombra marrom.



Referência

PASSO 7

Ao final deve-se adicionar o pó, que pode ser tanto compacto quanto solto, para finalizar a maquiagem de forma leve e natural, retirando a impressão de oleosidade criada com a mistura dos materiais usados anteriormente.

PASSO 4

O corretivo deve ser passado acima das linhas feitas de cor escura para criar a ideia de emagrecimento da figura que se pretende criar, ou seja, no sentido oposto à técnica do degradê. É importante ter cuidado para não ultrapassar e/ou apagar as linhas marrons já feitas anteriormente.

PASSO 5

Nos olhos usaremos o lápis de olho preto, tanto por dentro (na linha d'água) quanto por fora do olho (abaixo da linha d'água). Este efeito também serve para diminuir e afinar a região ocular.

PASSO 6

Para afinarmos a boca passaremos o lápis marrom abaixo da linha natural de contorno já existente, diminuindo a área, imperceptivelmente. O corretivo é passado, de forma leve, abaixo do contorno da boca criado, respeitando suas linhas de movimento, de forma a intensificar a cor do marrom, mas sem proporcionar a ideia de aumento dos lábios.

COMO FAZER O DEGRADÊ

À Realização: demarque com o objeto que está sendo usado (no nosso caso o lápis de olho) a linha na qual pretende-se utilizar técnica do degradê. Demarcada a linha para noção primária, engrosse a mesma com o uso abundante de cor do material. Utilizando o seu dedo faça movimentos respectivos na linha demarcada na área facial (se a linha for circular seu dedo fará

movimentos circulares, se a linha for reta seu dedo fará movimentos retilíneos, se a linha for na diagonal seu dedo fará movimentos diagonais, e assim por diante). Comece bem na borda da linha, onde há o acúmulo de cor, e em movimentos leves vá transitando o dedo de forma que seu esfumado vá em direção à área externa do rosto. A altura até onde o dedo

alcança é de preferência do artista que está realizando a maquiagem. À primeira impressão o desenho se tornará grosseiro e não natural, mas com o esfumar da cor do produto que estamos utilizando a linha forte vai dando espaço à diferença transitória da cor mais escura para a mais clara, realizando exatamente o conceito do degradê.

Tabela 01 - **Maquiagem do nariz**

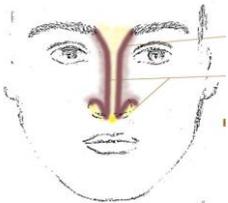
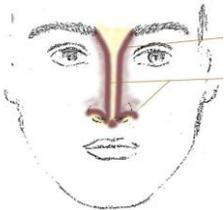
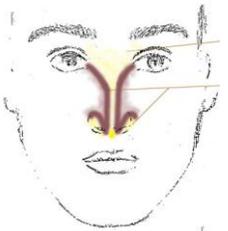
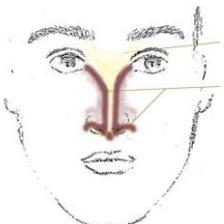
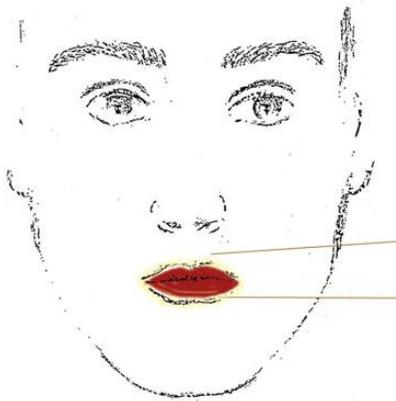
<p>Figura 3</p> <p>Primeiro exercício</p>  <p>Afilado e pontudo</p>  <p>Afilado e arrebitado</p>	<ol style="list-style-type: none">1) Traçar, com lápis marrom, duas linhas retas paralelas, com espaço de 1 cm entre elas, indo do início das sobrancelhas (limite das áreas 2 e 3 para a linha da esquerda e das áreas 3 e 4 para a linha da direita) até a ponta do nariz;2) com o lápis marrom, desenhar as asas do nariz, partindo da forma do arco que pode estar inclinado ou assentado, com maior ou com menor curvatura dependendo da expressão desejada;3) preencher com corretivo marrom as laterais do nariz;4) preencher com corretivo claro o centro do desenho e as asas;5) anotar o exercício no mapa;6) limpar o rosto com demaquilante.
<p>Figura 4</p> <p>Segundo exercício</p>  <p>Pequeno e pontudo</p>  <p>Pequeno e arrebitado</p>	<ol style="list-style-type: none">1) Traçar, com lápis marrom, duas linhas paralelas, iniciadas nos cantos internos dos olhos, cuja aproximação vai se acentuando até atingir a distância de meio centímetro na ponta do nariz;2) com lápis marrom, traçar as asas;3) preencher de marrom as laterais do desenho;4) preencher com corretivo claro o centro do desenho e as asas, que devem ter contorno de acordo com a expressão pretendida;5) anotar o exercício no mapa;6) limpar o rosto com demaquilante.

Tabela 02 - Maquiagem da boca

Figura 5

Primeiro exercício



- 1) Passar corretivo mais claro que a pele em todo o contorno dos lábios;
- 2) passar pó facial na mesma área;
- 3) desenhar, com lápis vermelho, um novo contorno abaixo da linha do lábio superior e acima da linha do lábio inferior, usando a divisão como referência;
- 4) preencher o desenho com batom ou lápis da cor desejada;
- 5) anotar o exercício no mapa;
- 6) limpar o rosto com demaquilante.

ENGORDAMENTO

Nesta segunda maquiagem vamos focar o ensino das linhas de volume para realizarmos o engordamento de toda a estrutura facial dos leitores. Trabalharemos com o jogo de luz e sombra juntamente com a técnica do degradê para engordar e aumentar elementos da face, através de linhas curvas, que proporcionarão a ideia de volume às feições do rosto. (VIVAS, 2004)

Materiais que iremos utilizar nesta maquiagem: Base cor de pele, Corretivo (mais claro que o tom da pele), Pó, lápis de olho marrom, lápis de olho preto, lápis de olho branco e sombra marrom.

Croqui

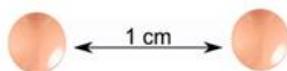
Engordamento

ENGORDAMENTO

PASSO 1



Hora de preparar a base da pele para o início da maquiagem! Espalhe a base em forma de gotinhas ao longo do rosto todo, tendo uma média de 1cm entre cada bolinha de base. Desta forma a base vai preencher o rosto todo sem que fique exagerada.



PASSO 4

O corretivo deve ser passado acima das linhas feitas de cor escura para criar a ideia de engordamento da figura que se pretende criar, ou seja, no sentido oposto à técnica do degradê. É importante ter cuidado para não ultrapassar e/ou apagar as linhas marrons já feitas anteriormente.



PASSO 6

Para aumentarmos a boca passaremos por fora da linha natural de contorno já existente o lápis marrom, de forma a aumentá-la, imperceptivelmente. O corretivo é passado em toda a área interna da boca, proporcionando a sensação de aumento dos lábios.



PASSO 2

Marque, com o lápis de olho marrom, todas as linhas que engordarão o seu rosto. Estas linhas se encontram abaixo ou por fora das linhas naturais de cada indivíduo.



PASSO 3

Após marcar as linhas que engordarão o seu rosto deve-se esfumar as mesmas de forma que elas se tornem menos aparentes e demonstrem um aspecto de sombra. Passe o dedo de um lado para o outro até criar um degradê de marrom mais escuro até um marrom mais claro. Esse degradê pode ser feito com o próprio lápis de olho marrom ou com a sombra marrom, da mesma forma que fizemos na maquiagem de emagrecimento.

PASSO 5

Nos olhos usaremos o lápis de olho preto, por fora do olho (abaixo da linha d'água) e o lápis de olho branco por dentro (na linha d'água). A mistura do lápis de olho branco por dentro e do lápis de olho preto por fora do olho dará a sensação de crescimento e aumento da área ocular do indivíduo que está realizando o trabalho.

PASSO 7

Ao final deve-se adicionar o pó, que pode ser tanto compacto quanto solto, para finalizar a maquiagem de forma leve e natural, retirando a impressão de oleosidade criada com a mistura dos materiais usados anteriormente.

Tabelas de Exercícios Práticos propostos pelo Professor Jesus Fernando Vivas de Souza, em sua Dissertação de Mestrado, para aprimoramento das técnicas apresentadas neste manual.

Tabela 03 - **Maquiagem do nariz**

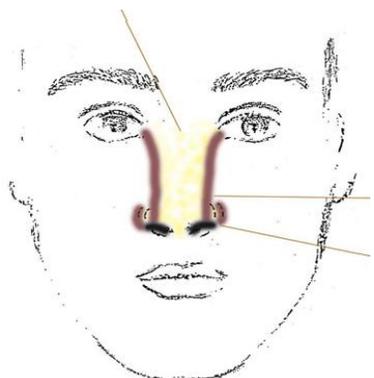
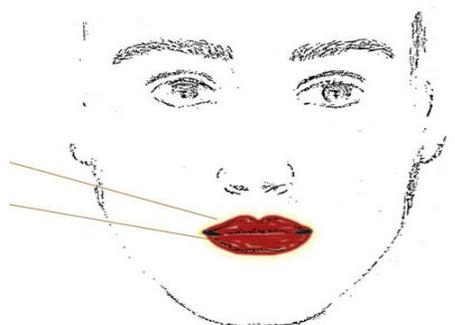
<p>Figura 7</p> <p>Terceiro exercício</p> 	<ol style="list-style-type: none">1) Traçar, com lápis marrom, duas linhas paralelas bem afastadas uma da outra, que partem dos cantos internos dos olhos e vão até o final do nariz, mantendo a mesma distância entre elas;2) desenhar as narinas, puxando um traço falso para causar a ilusão de nariz mais largo;3) preencher as laterais com o corretivo marrom;4) preencher o centro e as narinas com o corretivo claro;5) anotar o exercício no mapa;6) limpar o rosto com demaquilante.
---	---

Tabela 04 - **Maquiagem da boca**

<p>Figura 8</p> <p>Segundo exercício</p> 	<ol style="list-style-type: none">1) Passar corretivo mais claro que a pele em toda a área dos lábios e avançar um pouco em toda área próxima;2) desenhar, com lápis vermelho, um novo contorno para os lábios. Agora o contorno é feito por fora da linha natural, usando a divisão como referência;3) preencher — com lápis vermelho ou marrom, dependendo da cor natural dos lábios — a área que fica entre a linha natural e a linha falsa para equilibrar a textura da pele;4) passar pó facial para uniformizar o desenho;5) preencher o desenho com batom ou lápis da cor desejada;6) anotar o exercício no mapa;7) limpar o rosto com demaquilante.
--	---

ENVELHECIMENTO

Nesta maquiagem devemos focar o ensino das linhas de volume para realizarmos o envelhecimento de toda a estrutura facial dos leitores. Trabalharemos com o jogo de luz e sombra juntamente com a técnica do degradê para enrugando e dar sensação de flacidez dos elementos da face.

Materiais que iremos utilizar nesta maquiagem: Base cor de pele, Corretivo (mais claro que o tom da pele), Pó, lápis de olho marrom, lápis de olho preto e sombra marrom.

Observe o rosto de uma pessoa idosa. Os traços e linhas que definiam seu rosto jovem já não têm a mesma elasticidade de antes. O colágeno da pele de pessoas mais velhas reduz em grande proporção.

Neste caso, o foco será na curvatura das linhas de expressão onde podemos ver bochechas mais caídas, rugas ao longo da testa, ao final e abaixo dos olhos, olheiras bem visíveis, linhas de expressão bem acentuadas e manchas senis na pele. Trabalharemos as linhas descendentes, que traduzem cansaço, envelhecimento e depressão. (VIVAS, 2004)

Cada pessoa idosa é diferente, mas trabalharemos com estereótipos tentando alcançar a semelhança entre as maquiagens dos leitores deste livro/manual.

Nesta maquiagem pode-se adicionar pigmentos azuis e/ou esverdeados fornecendo a sensação de tonalidade fria na pele da personagem que está sendo realizada. Tonalidade esta que afirma uma vitalidade morta, indicação contida na dissertação de Jesus Fernando Vivas (2004).

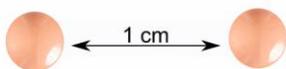
Croqui

Envelhecimento

ENVELHECIMENTO

PASSO 1

Hora de preparar a base da pele para o início da maquiagem! Espalhe a base em forma de gotinhas ao longo do rosto todo, tendo uma média de 1cm entre cada bolinha de base. Desta forma a base vai preencher o rosto todo sem que fique exagerada.

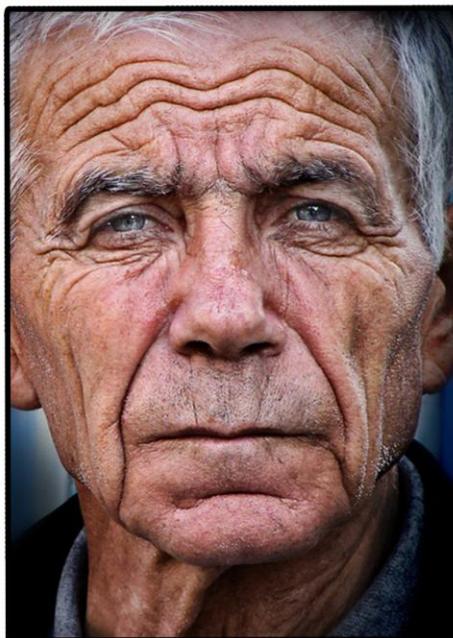


PASSO 2

Acentuar linhas de expressão valorizando o caimento e envergamento do formato do rosto. Neste caso as linhas aparentarão ser como aquelas utilizadas na maquiagem de engordamento e emagrecimento, dependendo da fisionomia do idoso que o artista quer retratar.

(Exemplo: o idoso pode ser mais gordinho ou mais magrinho, o importante é destacar que as linhas feitas precisam apresentar indício de envergamento*, para que, independente do aspecto visualizado do idoso, a linha presente a impressão de flacidez)

*Curvatura. (BUENO, 1996)



Referência

PASSO 3

Acrescentar rugas e manchas inexistentes no rosto e/ou realçar as que já existem. As rugas devem ser feitas com o lápis bem apontado, para que pareçam reais e não fiquem muito grossas.

PASSO 4

Após marcar as linhas, rugas e manchas que envelhecem o seu rosto deve-se esfumar essas linhas de forma que ela se torne menos aparente e apresente aparência de sombra. Passe o dedo de um lado para o outro até criar um degradê de marrom mais escuro até um marrom mais claro. Esse degradê pode ser feito com o próprio lápis de olho marrom ou com a sombra marrom.



PASSO 5

O corretivo deve ser passado acima das linhas feitas de cor escura para criar a ideia de volume e emagrecimento da figura que se pretende criar com a maquiagem. É importante ter cuidado para não ultrapassar as linhas marrons já feitas anteriormente.

PASSO 6

Os olhos desta vez ficam por conta do leitor. Aprendemos que a utilização do lápis preto por dentro e por fora do olho nos passa a sensação de diminuição, afinamento, já a combinação do lápis branco por dentro e do lápis preto por fora nos permite criar a ideia de aumento e arredondamento dos olhos. O leitor agora fica livre para criar e escolher qual a melhor técnica para utilização na maquiagem do seu velho.

PASSO 7

A boca, assim como os olhos, fica a critério do artista, mas independente do tamanho que se deseje fazer (mais grossa ou mais fina) o interessante é adicionar rugas ao longo da boca toda, começando pela parte de cima dos lábios e diminuindo até a área central da boca, ou seja, até a sua abertura. Quanto mais grosso o traço mais perceptível é a ruga, e menos natural, a escolha da estética a ser alcançada deve ser feita pela própria pessoa que está maquiando.

PASSO 8

Ao final deve-se adicionar o pó, que pode ser tanto compacto quanto solto, para finalizar a maquiagem de forma leve e natural, retirando a impressão de oleosidade criada com a mistura dos materiais usados anteriormente.

Outras Tabelas de Exercícios Práticos propostos pelo Professor Jesus Fernando Vivas de Souza, em sua Dissertação de Mestrado, para aprimoramento das técnicas apresentadas neste manual.

Tabela 05 - **Maquiagem das pálpebras**

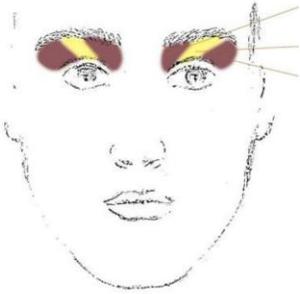
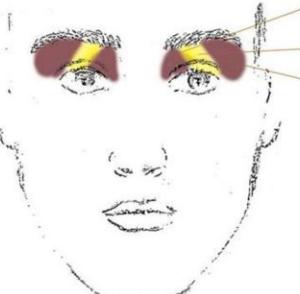
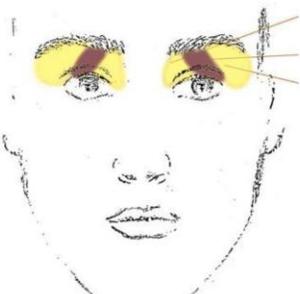
<p>Figura 10</p> <p>Primeiro exercício</p> 	<ol style="list-style-type: none"> 1) Dividir a região acima dos olhos, com lápis marrom, no sentido vertical, em três partes ligeiramente inclinadas para fora; 2) pintar a área central com cor clara e as laterais com cor escura; 3) esfumar as linhas divisórias entre as cores; 4) anotar o exercício no mapa; 5) limpar o rosto com demaquilante. Obs. Essa maquiagem fecha o olhar, acentuando sua luminosidade.
<p>Figura 11</p> <p>Varição do primeiro exercício</p> 	<ol style="list-style-type: none"> 1) Dividir a região acima dos olhos, com lápis marrom, no sentido vertical, em três partes ligeiramente inclinadas para dentro; 2) pintar a área central com cor clara e as laterais com cor escura; 3) esfumar as linhas divisórias entre as cores; 4) anotar o exercício no mapa; 5) limpar o rosto com demaquilante. <p>Obs. Essa maquiagem também fecha o olhar, acentuando a sua luminosidade.</p>
<p>Figura 12 - Segundo exercício</p> 	<ol style="list-style-type: none"> 1) Dividir a região acima dos olhos, com lápis marrom, no sentido vertical, em três partes ligeiramente inclinadas para dentro; 2) pintar a área central com cor escura e as laterais com cor clara; 3) esfumar as linhas divisórias entre as cores; 4) anotar o exercício no mapa; 5) limpar o rosto com demaquilante. Obs. Essa maquiagem amplia e pontua o olhar.

Tabela 05 - (continuação) **Maquiagem das pálpebras**

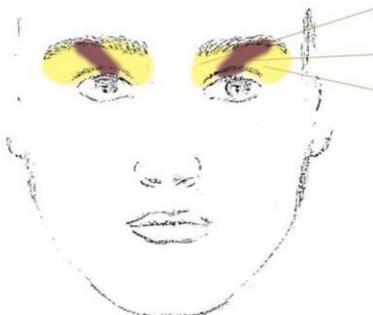
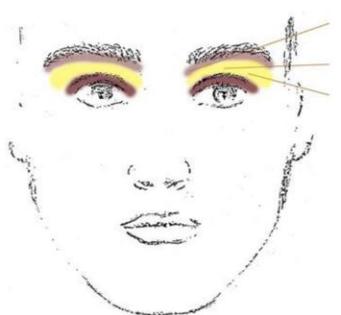
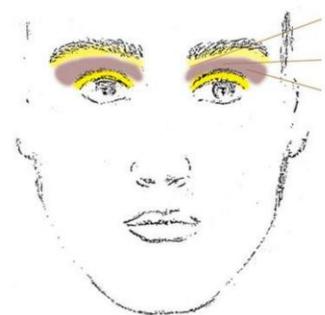
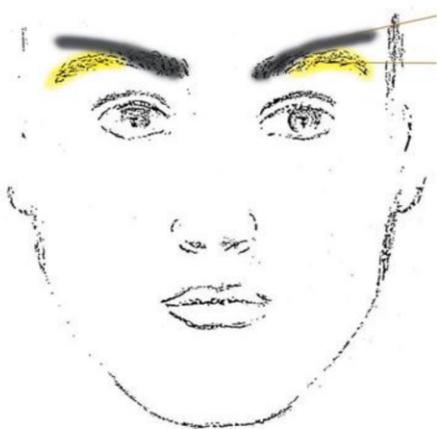
<p>Figura 13</p> <p>Varição do segundo exercício</p> 	<ol style="list-style-type: none"> 1) Dividir a região acima dos olhos, com lápis marrom, no sentido vertical, em três partes ligeiramente inclinadas para fora; 2) pintar a área central com cor escura e as laterais com cor clara; 3) esfumar as linhas divisórias entre as cores; 4) anotar o exercício no mapa; 5) limpar o rosto com demaquilante. <p>Obs. Essa maquiagem amplia e pontua o olhar</p>
<p>Figura 14</p> <p>Terceiro exercício</p> 	<ol style="list-style-type: none"> 1) Dividir a região acima dos olhos, com lápis marrom, no sentido horizontal, em três partes; 2) pintar a área central com cor clara e as outras com cor escura; 3) esfumar as linhas divisórias entre as cores; 4) anotar o exercício no mapa; 5) limpar o rosto com demaquilante. <p>Obs. Essa maquiagem diminui a área entre os olhos e as sobrancelhas.</p>
<p>Figura 15</p> <p>Quarto exercício</p> 	<ol style="list-style-type: none"> 1) Dividir a região acima dos olhos, com lápis marrom, no sentido horizontal, em três partes; 2) pintar a área central com cor escura e as outras com cor clara; 3) esfumar as linhas divisórias entre as cores; 4) anotar o exercício no mapa; 5) limpar o rosto com demaquilante. <p>Obs. Essa maquiagem amplia a região entre os olhos e as sobrancelhas.</p>

Tabela 06 - Maquiagem das sobrancelhas

Figura 16

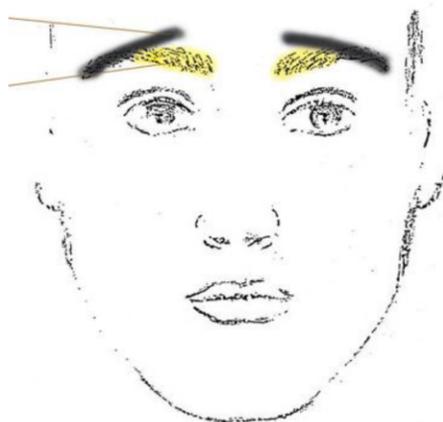
Primeiro exercício



- 1) Passar corretivo mais claro do que o tom da pele ou massa para modelar (produto próprio para maquiagem teatral) nas pontas externas das sobrancelhas que estão localizadas nas áreas 1 e 5 da divisão vertical;
- 2) passar pó facial pressionando levemente, a fim de cobrir o corretivo e grudar os pêlos das sobrancelhas;
- 3) traçar uma linha inclinada em sentido ascendente, que vai do início das sobrancelhas em direção às têmporas, aproveitando uma parte da sobrancelha natural e complementando o desenho com o traço que passa acima da área que foi anulada;
- 4) anotar o exercício no mapa;
- 5) limpar o rosto com demaquilante.

Figura 17

Segundo exercício



- 1) Passar corretivo mais claro que o tom da pele no início das sobrancelhas ($\frac{3}{4}$ das áreas 2 e 4 da divisão vertical);
- 2) passar pó facial pressionando levemente, para cobrir o corretivo e grudar os pêlos;
- 3) traçar uma linha inclinada em sentido descendente que vai do início das sobrancelhas em direção das orelhas, aproveitando uma parte da sobrancelha natural e complementando o desenho com o traço que passa acima da área que foi anulada;
- 4) passar pó facial para uniformizar o desenho;
- 5) preencher o desenho com batom ou lápis da cor desejada;
- 6) anotar o exercício no mapa;
- 7) limpar o rosto com demaquilante.

Tabela 07 - **Maquiagem dos olhos**

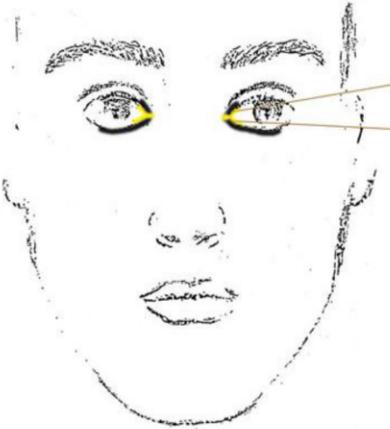
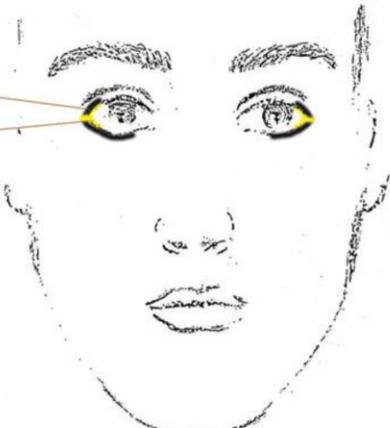
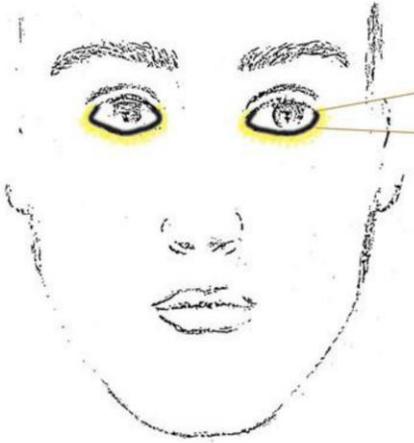
<p data-bbox="459 218 565 243">Figura 18</p> <p data-bbox="410 291 613 317">Primeiro exercício</p> 	<ol data-bbox="769 233 1385 930" style="list-style-type: none">1) Fazer um traço com lápis branco em forma de “V” no canto interno de cada olho, de modo a prolongar o desenho deste em direção ao nariz, criando a ilusão de um olhar fechado;2) desenhar o contorno, com lápis preto ou marrom, do centro do olho até o traço branco em direção ao nariz, fazendo com que os olhos avancem para a área três;3) amenizar os cantos externos com corretivo mais claro do que a pele, para acentuar o efeito nos cantos opostos dos olhos;4) anotar o exercício no mapa;5) limpar os olhos com demaquilante apropriado.
<p data-bbox="459 982 565 1008">Figura 19</p> <p data-bbox="410 1056 613 1081">Segundo exercício</p> 	<ol data-bbox="769 993 1385 1640" style="list-style-type: none">1) Fazer um traço com lápis branco em forma de “V” no canto externo de cada olho, prolongando o desenho para fora do centro do rosto;2) desenhar o contorno com lápis preto ou marrom desde o centro do olho, seguindo o traço branco na direção das orelhas, para que o olho esquerdo avance sobre a área um e o olho direito, sobre a área cinco;3) amenizar os cantos internos com corretivo mais claro do que a pele, para acentuar o efeito nos cantos opostos dos olhos;4) anotar o exercício no mapa;5) limpar os olhos com demaquilante apropriado.

Figura 20

Terceiro exercício



1) Riscar um traço com lápis preto, acima dos cílios inferiores, por dentro dos olhos e o mais rente possível da linha deles, em direção à parte de cima até encontrar os primeiros fios de cada extremidade do cílio superior;

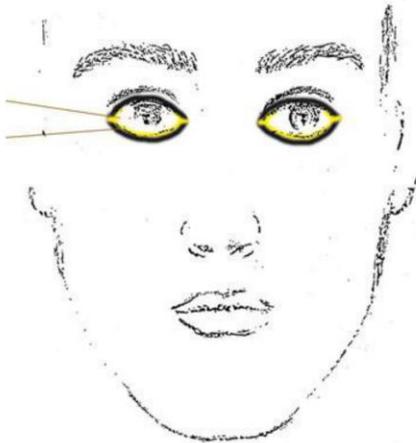
2) Contornar essa linha com lápis branco esfumado e corretivo claro, para iluminar em volta do contorno, criando a ilusão de que os olhos são menores;

3) anotar o exercício no mapa;

4) limpar os olhos com demaquilante apropriado.

Figura 21

Quarto exercício



1) Riscar um traço com lápis branco, acima dos cílios inferiores, por dentro dos olhos e o mais rente possível da linha deles, em direção à parte de cima até encontrar os primeiros fios de cada extremidade do cílio superior;

2) contornar essa linha com lápis preto, criando a ilusão de que os olhos são maiores;

3) anotar o exercício no mapa;

4) limpar os olhos com demaquilante apropriado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente a ideia principal de minha monografia era simplesmente atender às demandas práticas a partir da criação de algumas maquiagens artísticas, de forma que eu guiaria o leitor-participante através de passo a passo de técnicas que cada maquiagem necessitava. Ao longo do processo percebi o quanto era importante apresentar um panorama, mesmo que breve, do surgimento da maquiagem no Brasil e no Mundo, para que os leitores se sentissem curiosos e inspirados no processo. Além disso, percebi que era preciso explicar termos e instrumentos de trabalho, por mais simples e óbvios que fossem, já que o público alvo deste projeto tem as noções limitadas deste instrumento teatral.

A maior dificuldade encontrada durante o processo sem dúvida alguma foi a falta de recursos bibliográficos e teóricos a respeito deste assunto. A partir de burburinho entre professores e alunos da Universidade eu soube que existia uma dissertação com este tema realizada por um dos antigos professores aposentados da instituição. Procurei em diversos lugares, perguntei a diversas pessoas, da Biblioteca da UnB à Biblioteca Nacional, da Universidade de Brasília à Faculdade Dulcina de Moraes. Nenhuma resposta. Finalmente liguei na UFBA, Universidade Federal da Bahia, onde o citado professor concluiu seus estudos. Na época a Universidade estava em greve e os funcionários disseram-me que não havia previsão de volta. Esperei quase cinco meses por este retorno, quando fui atendida pela coordenadora da Biblioteca da instituição.

Foram muitas ligações interurbanas e emails trocados até encontrarem o arquivo de Jesus Fernando Vivas de Souza. Já estava completando o sexto mês quando recebi sua dissertação completa através do email pessoal da Coordenadora da Biblioteca da UFBA, muita atenciosa, por sinal. A partir daí, consegui trabalhar com foco e embasamento de meus argumentos.

Os outros livros citados ao longo da escrita foram mais relevantes para a construção do Manual, me fornecendo ideias criativas para o designer gráfico das imagens, dos croquis e das orientações. O conteúdo não foi muito aproveitado devido ao teor social da maquiagem, e não artístico, no qual minha monografia se embasa.

É difícil saber se de fato meu estudo vai proporcionar melhoria nesta lateralidade cênica, e se os leitores-participantes vão conseguir de fato realizar as propostas de atividades e exercícios com excelência, mas com certeza alguma contribuição, por menor que seja, vai ser alcançada com este projeto, de forma que, se os alunos se interessarem buscarão em outras fontes e outras técnicas para a continuação do trabalho.

A pesquisa anterior que pude realizar antes da escrita desta monografia me fez perceber o quanto meu objeto de estudo é válido devido à falta de recursos que coloquem a maquiagem como lateralidade de importância e valor dentro de um espetáculo teatral. De acordo com isso era preciso criar, primeiramente, um material básico, que atendesse às necessidades dos indivíduos que não tinham nenhuma informação ou informações escassas a respeito deste campo.

Esta monografia visa atender seus objetivos de forma clara e principalmente lúcida para os leitores, fazendo com que o participante se sinta incentivado a treinar e criar, de acordo com suas experiências cênicas e pessoais, tendo liberdade de recriar, a partir de seu próprio rosto, as maquiagens demonstradas no manual. São passos e técnicas básicas, mas que, aprimoradas e utilizadas com consciência e excelência resultarão em completos personagens, prontos para serem incorporados, do camarim ao palco.

Faço minhas as palavras de Souza ao final de sua dissertação:

O ator que domina os princípios da automaquiagem está muito mais consciente do seu papel no palco e tem muito mais segurança para criar. Ele aprimora seu traço a cada apresentação, à medida que se assenhora do próprio personagem. (SOUZA, 2004, P.134).

O trabalho final realizado nesta monografia paira em minha cabeça como o início de uma série de trabalhos que podem/vão ser realizados por mim posteriormente de acordo com diferentes níveis de criação de maquiagem. A proposta seria dar continuidade a este manual através do aprimoramento das técnicas adquiridas pelo leitor e do consequente estímulo que o trabalho pôde adquirir através dos artistas.

REFERÊNCIAS

VITA, Ana Carlota R.. **História da Maquiagem, da Cosmética e do Penteado**: em busca da perfeição. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2009. __ (Coleção saberes da moda / coordenação João Braga).

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. Edição: Helena Bonito C. Pereira e Rena Signer. São Paulo: Editora FTD, 1996.

Dicionário Mobile da Língua Portuguesa. Porto Editora, 2011.

SOUZA, Jesus Fernando Vivas de. **A Maquiagem no Processo de Construção do Personagem**. Salvador: 2004.

COSTA, Marcos. **Eu amo Maquiagem**. São Paulo: Jaboticaba, 2006.

CEZIMBRA, Márcia. **Maquiagem**: técnicas básicas, serviços profissionais e mercado de trabalho. 11. reimpr. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2013. 152 p. Il.

MOLINOS, Duda. **Maquiagem**. 11 edição. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.

SANTOS, Cyntia Carla Cunha. Aula proferida na Disciplina de Encenação Teatral 1 no semestre 2/2012, no Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília.

SANTOS, Cyntia Carla Cunha. Aula proferida na Disciplina de Encenação Teatral 2 no semestre 1/2013, no Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília.

SANTOS, Cyntia Carla Cunha. Aula proferida na Disciplina de Técnicas Experimentais de Artes Cênicas 1 no semestre 1/2013, no Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília.

VELOSO, Jorge das Graças. Aula proferida na Disciplina de Pré Projeto no semestre 1/2015, no Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília.

SANTOS, Cyntia Carla Cunha. Entrevista realizada com a Professora na data de 14/09/2015, no Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília.

michellyribeiro.com/2010/04/30/envelhecer-com-maturidade/ Acesso em: 04/08/2015.

www.professionaisti.com.br. Acesso em: 13/11/2015.

ANEXOS

Entrevista Cyntia Carla Cunha Santos,

Realizada em 14/09/2015

C.: Cyntia Carla Cunha Santos

N.: Natália Maia Braz Silveira

C. Bem natural. Assim que eu comecei a fazer teatro, um dos primeiros focos já foi a questão da maquiagem. Então, assim, não só a minha, mas a maquiagem de outros atores, dentro do grupo, ainda na adolescência. Desde o começo sempre teve esse focozinho natural de maquiagem. Mas, assim, trabalhar mesmo só na metade da UnB, da formação da UnB mesmo aí eu comecei a assinar maquiagem, ainda na graduação.

N. E você foi pelo, você por maquiagens informais mesmo ou você já fez pelo MEI?

C. Como assim MEI?

N. Aquele certificado que tem, você faz tipo de maquiador para emitir nota?

C. Não, nunca fiz de maquiador. Nunca tive MEI não. Era sempre... Tinha nota, pegava nota em qualquer lugar, mas Já assinando como maquiadora... Aí a formação de visuais pra mim foi muito importante, eu me formei, mas quase me formei também em visuais. E eu pintava desde os dez anos de idade, óleo e aquarela. Então, assim, esses conceitos foram muito naturais pra mim, essa lógica de claro e escuro, de contraste.

N. O que que você acha que falta na cidade sobre maquiagem?

C. Tudo. Material, livros didáticos, eu sou a responsável, particularmente responsável por isso, porque eu nunca crio vergonha pra fazer um. Mas falta material didático específico de

maquiagem teatral você tem materiais de maquiagem de efeitos, você tem materiais de maquiagem social, mas de maquiagem teatral, não existe material.

N. Eu sei! Porque tá muito difícil.

C. Você tá enlouquecida pra encontrar.

N. Exatamente, não existe, não existe.

C. Existe, a monografia do Jesus.

N. E eu procurei essa monografia, principalmente, tá em greve a da Bahia.

C. Eu tinha, mas aí uma pessoa pegou, eu emprestei, e nunca mais apareceu e até eu achar o Jesus e pedir outra, ter coragem de pedir outra.

N. Eu procurei ele, mas ele tá meio sumido. Liguei na UFBA só que tá em greve. Tipo não existe, não existe.

C. Não existe on-line a dele.

N. O que você acha que precisa pra saber pra ser maquiador?

C. O que precisa saber para ser maquiador? Além do interesse em maquiagem, soltar o traço e vontade. Na real é isso. Porque é assim, tem maquiadores que saem de Visuais, tem maquiadores da Arquitetura, tem maquiadores que saem de Cênicas e tem maquiadores que saem de lugar nenhum. E viram maquiadores. É muito mais uma questão de meu entendimento, eu entender essa lógica e pesquisar em cima dela. Então assim, não existe uma necessidade. Por exemplo: o maquiador ideal deveria saber desenhar, mas não é uma obrigação, não é uma obrigatoriedade. Isso é um facilitador no final das contas. A técnica de desenho e de pintura são facilitadoras, mas não são necessárias, porque maquiando você aprende essas técnicas.

N. Uhum. Quais as maiores dificuldades e facilidades que você vê em maquiar?

C. Em que sentido, fala aí?

N. No ramo mesmo, por exemplo, a dificuldade porque a área financeira, não, não...

C. Até que financeiramente ela é bem viável, a questão é você se manter no mercado.

N. Isso, como é que fala? Que ela não é fixa né?

C. A questão é se manter no mercado. Para você ser maquiador freelancer, e eu já fiz isso, você tem que ter um tempo “para”... não dá pra ser maquiador freelancer e ter outros horários, é mais complicado. O maquiador freelancer ele vai ganhar bem, mas ele tem que ser dedicar... Então assim, quando eu era maquiadora eu tinha um kit no carro. Me ligavam e diziam: “onde é que você tá?”, “eu tô em tal lugar”, “então vem pra cá agora”, entendeu?! Existe uma dificuldade em termos de mercado, mas depois que você se fixa nele não tem mais tanto problema. Materiais podem ser considerados faltosos sim, porque os melhores materiais são importados, ainda mais agora, isso realmente é um dilema, mas não é necessário. É só num nível assim mais alto, só no meu nível que isso começa a pegar. Mas você tem que ter, pra se considerar maquiador, você tem que ter uma maleta que não é uma maleta social, você tem que ter uma maleta com vários tons de pele, tem que ter uma maleta que te disponibilize trabalho, então é uma maleta que no mínimo vai ser R\$ 1.500,00, já de cara. Tem essas dificuldades, mas depois que você juntou isso, tá tranquilo, aquele material vai te render o necessário, durante 20 anos, ficar lá tranquilo, enquanto não perder o prazo de validade.

N. E quando vai acabando uma você vai juntado mais...

C. Vai repondo.

N. Isso, nunca acaba tudo de uma vez...

C. Depois que você tem o kit, fica bem mais tranquilo e depois que você consegue encontrar um nicho de mercado, tipo pra quem você está vendendo essa maquiagem? É animação de festas? Você tem que ter um tempo disponibilizado pra isso. Saber que você vai maquiar as 4:00 da manhã. É muito mais assim, uma coisa de você encontrar um mercado. Balé, Balé é um mercado.

N. Balé é bom, porque sempre tem cinquenta mil pessoas; e fácil e rápido.

C. Balé é ótimo porque tem cem pessoas, você vai carimbando e carimbando. É um ótimo mercado.

C. Então é assim, é encontrar um nicho de mercado e tentar se fixar nele. É o mais importante. E divulgar, e aprender a divulgar o material. Hoje em dia com a internet isso é um facilitador enorme, você pode botar todo o seu portfólio lá e é incrível. Você mesmo já vivenciou isso, colocou uma foto e uma pessoa lá do além, que nunca te viu, ligou querendo uma maquiagem de Halloween! Só porque viu uma foto da aula aqui da sala. Aprender a se vender é muito importante, já que você é freelancer; então você tem que saber vender seu material.

N. Isso é uma questão até minha mesmo: qual a diferença de maquiagem artística pra cênica?

C. Artística se eu for bem no termo da palavra, a maquiagem artística ela já é uma linguagem e ela se resume na maquiagem, entende?! Aquelas fotos, são fotos, tem gente que vai olhar e falar “são fotos de maquiagem artística” entendeu? O importante nesse caso é a maquiagem, então geralmente a maquiagem artística bodypaint, entendeu? São maquiagens que são feitas pela técnica da maquiagem e não necessariamente a serviço de um espetáculo cênico. Aqui no Brasil quase não tem. Mas fora daqui tem muitos artistas que são artistas de maquiagem, aquelas maquiagens que você vê na internet, maravilhosas, tudo lindo, mas que não tem necessariamente uma ligação direta com a parte cênica é uma linguagem em separado, e muito mais livre por esse sentido também.

N. E a maquiagem cênica viria necessariamente com um contexto, dentro do que ela tá...

C. Isso, dentro de uma lógica de encenação, de uma proposta de personagem, então eu tô muito mais preso a uma estrutura específica no caso, eu não estou sozinha e criando uma linda maquiagem.

N. É bem confuso né? Quando, porque ela é quase ligada... Só que...

C. É, mas são coisas diferentes, você vê, e é nítido; uma maquiagem linda, você fica assim, gente onde é que vou usar isso? Tem umas maquiagens que você fica assim. Não tem como botar isso numa peça, mas é lindo: adorei, é linda, não tem o menor sentido num espetáculo, ela é isso. Só uma maquiagem.

N. É, é incrível né?! E ela vai ser só isso né, uma maquiagem?!

C. Isso, só uma maquiagem.

N. É, é, só uma maquiagem. Entendi, entendi mesmo.

N. Quando surgiu a maquiagem cênica?

C. Basicamente quando começa o teatro, você já começa, parte das máscaras, você já começa a ver, mas se você pensar em maquiagem étnica... eu posso pensar em maquiagem cênica.

N. Eu posso dizer que a forma como eles pintavam a maquiagem do teatro grego ou, enfim, no romano, é um tipo de maquiagem, para máscaras?!

C. Não, acho que não. Mas, de repente, é mais fácil você ir pelo teatro oriental, nesse caso Kabuki, Nô, e aí é uma expressão antiga muito clara de maquiagem.

Mas, por exemplo, se a gente pensar em Stanislavski, existiu uma maquiagem teatral muito pesada, porque a gente pensa nessa coisa de uma maquiagem realista, e não era. Era essa maquiagem que eu tô aqui. Então é assim, em termos de contrastes, de peso, a maquiagem sempre foi tratada, em quase todas as linguagens teatrais elas imprimem uma maquiagem. Pensar em século XVIII, século XIX, eu sempre vou tá jogando parte dessa maquiagem. É que nem teatro, quando o teatro surgiu. A mesma coisa. A maquiagem tá ali no meio também, que nem o figurino e que nem todo o resto.

N. Você falou das africanas o quê?!

C. Da oriental

N. Não. Mas antes?

C. Kabuki. Da maquiagem étnica

N. Ah, é isso.

C. Se eu pensar num Pajé representando, ele tem uma maquiagem muito específica que é feita para aquilo.

N. E pode-se dizer que é teatral porque ele tá representando...

C. Sim, sim. Elas representam forças da natureza dentro daquele contexto que são agentes identificadores para aquelas pessoas. Então é uma maquiagem que tá representando.

N. Se você fizesse isso, se você pudesse acrescentar metodologia ou técnica, basicamente eu falei isso lá atrás né, do volume, metodologias ou técnicas dentro do manual de uma forma escrita, o que você acharia importante salientar? Aí seriam os volumes né?!

C. Volumes, noção de claro e escuro e contraste. E entendimento, no caso da teatral, especificamente, entendimento da estrutura facial. Da expressão facial como um todo. Porque muito da maquiagem teatral vem justamente de gerar uma expressão ou amplificar uma expressão.

N. Quais as principais diferenças entre a maquiagem social e cênica?

C. Dividindo assim, é mais a questão do contexto. Uma tá servindo como forma de otimizar um rosto de uma pessoa, eu vou tá pegando traços daquele rosto e vou tá acentuando traços mais interessantes, focando o olhar, é uma coisa muito mais pra tentar aproximar aquela pessoa de um padrão de beleza ideal. No caso da maquiagem cênica, eu tô fazendo a mesma lógica, mas eu tô aproximando do personagem, independente daquela questão do belo, do que é considerado aceitável na sociedade. Eu vou ter um personagem feio e posso ter um personagem bonito. Então muitas vezes, aliás, quase oitenta por cento das vezes a gente usa muito mais técnica da social do que de maquiagem teatral, no sentido da expressão.

N. Mas mesmo assim ela é uma maquiagem teatral.

C. Sim, porque ela tá a serviço de outra coisa.